

Antologia poética

José Almino de Alencar

A Gávea Pequena

Sôbola Gávea pífias saudades vagam vereda
[meninas esparsas algazarras
longe dessa sina espaços à sombra do ipê roxo à
[beira do abismo ao vezo das
saúvas
ao abrigo das tolas calçadas das chuvas desabadas
[em tépidas paixões
não sou de nervos de aço chupam-me a vida
[como a um qualquer
desço à Gávea pequena.

Desço à Gávea enxuta, os olhos verão
o perfil da pedra, calada, imensa, o frio lajedo.

Calada da noite não me dê ouvido
eu falo o que falo porque não consigo
falar com os amigos
e o chumbo do dia matou minha alma.
Boca da noite, não fala comigo,
acorda para certas palavras
os Inhamuns, o Piancó, os Afogados da Ingazeira,
o cimo do seco dentro do mundo
sumo deserto d'águas,
o andar dos andores, o cantar dos louvores
o fanho ranger das alpercatas,

cheiro de caminhões. Na copa das árvores
roda o ofício reimoso do ócio
a língua presa, teu jeito nato.

Prosopopéia

À memória de Jorge Vanderley

Morto é o caminho onde o terral se leva
Na alva da manhã dessa terra velhaca
Que come o corpo do meu amigo morto
E há de comer o meu.

A inhaca dos pobres ao sol quente do nordeste,
A cor cinza das carnes pobres do nordeste,
Uma luz de carne e fogo frio na boca da gente
(que é a doce luz dos cajus)
Fazem doer o calor do ar.

Um vento virá, soprando do mar
O oiro fino do mar
E o remanso da brisa que alisará o corpo
Trará vivas as lembranças do amigo morto,
Lembrará o sopro da morte e da morte
[o conforto.

Há um quê de solene nessa manhã de oiro,
Uma saudade de pedra jaz no fundo do poço.
Há um madeiro frio que nos ameaça,
Pau de dar em doido, um pau d'alho perdido

No meio do caminho,
No meio do caminho do amigo morto,
Que a terra devorou como me devorará.

Olinda 2001

No meu tempo, meu Deus, firmava-se o mundo,
no verbo duro, na rotina da paisagem,
se é que eu possa ver:
o meu tempo, meu Deus, é um tanto vago.

Ou seria uma fera ensimesmada.
no seu próprio pêlo submersa,
e que sufoca, neste instante, retesada?
Fica a cismar sobre o tempo e ninharias
e a remoer o que deve e lhe é devido
e a sonhar com a vida e o que é velado
a invocar esse Deus, na minha boca,
e na memória de homem assustado;
esse Deus tão inerte
e que não serve.

No meu tempo, havia uma Estrada dos Remédios
e a palavra arrebol me encantava
como essa chuva que desaba, enxágua
e passa.

Evocação da Avenida Norte

Não tenho pais, nem irmãos, parentes ou amigos:
estou só na Avenida Norte.
Me encanta a Avenida Norte.

Me encanta o seu nome cardinal,
a minúscula Assembléia de Deus,
o homem cotó,
a gente feiinha, a gente feiazinha.
Irei para o Arruda, para Beberibe,
ou ficarei na Encruzilhada.
Estarei sempre na Avenida Norte

Eu quero a Avenida Norte, como a mulher
[que passa.
Para trás os ingleses cobertos de tapuru,
na sombra das palmeiras do cemitério
[dos ingleses;

Abreu e Lima morto e enterrado.
Não quero.

Não quero:
As jaqueiras de Casa Forte,
o remanso do rio no Poço da Panela,
tampouco.

Eu quero a Avenida Norte.
Tenho a pedra de Zalagh
Mais a argila do Saís:

Breve serei muito menos.

Terei a Avenida Norte.